

MARIA EMÍLIA PICARELLI AVANCINI



1290000067



FE

TCC/UNICAMP Av15a

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC
TÍTULO: “ATENÇÃO, CONCENTRAÇÃO!” - Vozes de
Professoras Sobre os Corpos dos Alunos na Escola.

CAMPINAS , SP
1997

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Maria Emília Picarelli Avancini

***“Atenção Concentração!” - Vozes de Professoras Sobre os
Corpos dos Alunos na Escola.***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como exigência parcial para o curso de
Pedagogia com Habilitação em Administração
Escolar, da Faculdade de Educação,
UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra.
Isabel Marques.

Campinas, SP
1997

Folha de aprovação:

Profa. Dra. Isabel Azevedo Marques
Campinas, ____ / ____ / 1997

Profa. Dra. Carmem Lúcia Soares
Campinas. ____ / ____ / 1997

À minha psicóloga Eliana Melchansky,
profissional e companheira responsável por me desvendar a
importância do trabalho com o corpo, assim como à minha
mãe, Maria Keloísa Picarelli Avancini, pela paciência
nos dias difíceis e pela constante releitura e correção do
trabalho.

AGRADECIMENTOS

Isabel Azevedo Marques, pelo compromisso, incentivo e pela confiança na competência de todo e qualquer indivíduo que tenha um objetivo a traçar.

Professora Carmem Lúcia Soares, pela gentileza e disposição em conhecer minhas idéias.

Fabiana Cristina Evaristo, pelo companherismo e solidariedade nos momentos difíceis e também pelos momentos alegres durante meu curso na Unicamp.

Aos meus pais José Manoel Avancini e Maria Heloísa Picarelli Avancini e minhas irmãs Marta e Carolina, pelo amor e pela força nos momentos de fraqueza durante os longos anos de Pedagogia...

Eliana Molchansky, pelo carinho, força e sobretudo pela confiança no meu potencial.

Aos alunos e alunas da segunda série da EMPG "Padre José Narciso Vieira Ehremberg", pelo aconchego e pela oportunidade de compartilhar momentos que me ajudaram como pessoa e como profissional.

À professora da sala de aula, pela confiança, assim como à professora de Educação Física, pela colaboração no meu trabalho sobre a importância do corpo das crianças no espaço escolar.

*“A atividade corporal significa principalmente a
existência de movimento do corpo, porque qualquer tipo de
paralisação é mortal para o homem!”
(Iwanowcz, in Bruhns, 1994)*

Sumário

I. O corpo como meta no espaço escolar.....	08
I.1 - Por que “ <i>Pensar o Corpo</i> ”?.....	08
I.2 - “Primeiros Contatos”... ..	10
I.2.a-Com a escola.....	10
I.2.b- Com a professora.....	11
I.2.c- Com os alunos.....	12
I.3 - Os corpos na sociedade tecnológica.....	16
II. Educação e o corpo.....	20
II.1 - Dados sobre as entrevistas.....	20
II.2 - Os corpos dos alunos: relação corpo/espaco/concentração	27
III. Idéias, relações, interligações sobre o corpo na escola.....	32
III.1 - Interrelações sobre o “ <i>Pensar o Corpo</i> ” na escola.....	32
IV. Considerações Finais.....	40
V. Referências Bibliográficas.....	43

I - O Corpo como meta no espaço escolar.

I. 1 Por que “Pensar o Corpo”?

Cada vez mais me convenço de que é muito importante conseguirmos encaixar todas as nossas vontades e nossos objetivos de vida em uma só vontade, em um objetivo único e maior.

Como psicóloga, tenho como um dos objetivos o trabalho com o corpo, ou seja, estou buscando formas de atuação que enfoquem o corpo do cliente, pois acredito que com isso contribuo tanto para o auto-conhecimento, como para a melhoria das relações interpessoais. Trabalhar o corpo através de toques, auto-massagens, técnicas de relaxamento, por exemplo, para mim é uma maneira de propiciar ao cliente facilidade maior para entrar em contato com sua própria inteligência, criatividade e intuição, ou melhor, entrar em contato com o que ele é.

Portanto, para fazer das minhas vontades um objetivo único, resolvi trabalhar o corpo também no meu Trabalho de Conclusão de Curso de pedagogia, obviamente, de uma maneira diferente da do enfoque clínico.

A maneira que encontrei para fazer isto foi participando, de uma certa forma, do cotidiano de uma escola, de preferência de periferia, aonde pude aprender e verificar as idéias e atitudes dos alunos e professores, relacionadas ao seus corpos e aos corpos dos outros.

A escola escolhida foi a EMPG “Padre José Narciso Vieira Ehremberg. Está localizada no Jardim São Marcos , periferia da cidade de Campinas, praticamente no meio de favelas e seus alunos são crianças que, na maioria, são muito pobres. Geralmente vão para a escola sem tomar banho, de chinelos ou

até descalços, judiados por esta falta de recursos, pelo barro, pela falta de possibilidades de higiene, pela simples poeira que é característica do ambiente.

Ela é composta por : 12 salas de aula, 1 biblioteca, 1 refeitório e uma quadra. No bairro não há espaço de lazer, portanto a escola é utilizada para todos os eventos da comunidade. A escola funciona em três turnos, divididos entre os horários de 7:00 h às 19:00 h, sendo que a noite funciona o Supletivo com outra direção.

A opção por uma escola pública, e não particular, se deveu ao fato de ter feito estágios, tanto no meu curso de Psicologia quanto de Pedagogia em escolas deste tipo e, certamente, é uma realidade que me interessa , pois acredito que este é um espaço onde as crianças têm menos oportunidades de estarem em contato com “formas alternativas” de trabalho, especialmente as que valorizam o corpo.

Minha idéia primeira, ao começar este Trabalho de Conclusão de Curso e ao entrar nesta escola, em especial, era de investigar as vivências das crianças, saber quais as interferências da escola nas relações que se estabelecem entre crianças, corpo e espaço; verificar as relações entre a disciplina e o programa com o uso do espaço escolar; assim como a relação entre arquitetura da escola e o programa escolar.

Minha intenção era de observar e escutar, dos próprios alunos, o como eles viviam estas questões dentro da sala de aula e da escola como um todo. Optei por trabalhar primeiramente a relação entre o corpo das crianças de segunda-série no espaço escolar, através de observações em sala de aula e aulas de Educação Física.

Nos meses de Abril e Maio foram feitas oito observações, em uma sala de segunda série com 34 alunos. As observações foram realizadas uma vez por semana, tanto das aulas dentro da sala, como das aulas de Educação Física e dos momentos de intervalo e merenda. Destas oito vezes, a professora de Educação Física faltou três. Nestes momentos, geralmente, a classe ficou com uma substituta, que não se encarregou da aula de Educação Física, mas sim em passar alguma atividade para os alunos dentro da sala de aula.

I. 2 “Primeiros contatos”...

I. 2. a- Com a escola.

Interessante ressaltar algumas das minhas primeiras impressões, no primeiro semestre, sobretudo o espaço físico da escola. Notei mudanças em relação a localização das salas, assim como a pintura das paredes e o piso dos corredores, quando lá fiz meu estágio no ano anterior.

Algumas coisas mudaram, coincidentemente, no que diz respeito ao espaço físico. Antes, o piso era de lajota, que facilitava a penetração de poeira, sendo assim, tinha sempre um aspecto ressecado. Hoje é um piso branco, como mármore, as paredes estão pintadas de cor clara, assim como o teto que antes não era pintado. Há cartazes no corredor de entrada, alguns de boas vindas aos alunos, outros de incentivo à preservação da limpeza da escola.

São cores claras, são cores que proporcionam um aspecto de limpeza, porém, são cores que já estão sujas e encardidas devido as mãos mal lavadas das crianças, seus pés que chutam a parede, aos rabiscos que estas fazem com lápis e caneta...

A biblioteca antes era em um espaço fora o prédio principal, ao lado do refeitório, hoje está dentro do prédio onde era uma sala de aula. Portanto, está mais próxima dos alunos. A sala da direção, que era no final do corredor, agora é a primeira sala que se vê ao entrar na escola. (Relato a partir das observações na escola, dia: 29/04/97)

As mudanças no espaço físico me fez lembrar a “arte das distribuições” (Foucault, 1987), na qual o autor coloca que a distribuição dos indivíduos no espaço é algo que está estritamente ligado à disciplina. Talvez estas mudanças seja uma maneira de organizar, de uma certa forma, o corpo e o comportamento dos alunos e dos professores dentro do espaço escolar.

Além do espaço físico, impressões primeiras sobre a postura da professora e mais adiante sobre o comportamento dos alunos, também são interessantes evidenciar.

I. 2. b- Com a professora.

Há uma criança que a professora chama a sua atenção várias vezes. É um menino que parece estar desligado da aula, ou melhor, desligado de tudo, parece mesmo estar em outro planeta....

Duas vezes presenciei a professora ficar nervosa com ele, e nesses momentos, ela expressa muita raiva, chegando a ir buscá-lo na carteira puxando-o pelo braço para que fique no canto da sala, com sua cadeira atrás da mesa da professora, de frente para a sala, obviamente, num lugar minúsculo, de castigo.

.Assim, ele é ignorado por ela e geralmente pelo restante dos alunos, sendo que sua posição com relação à lousa é literalmente de costas. Na primeira vez, ele ficou quieto, de cabeça baixa, fazendo no caderno a atividade proposta. Na segunda vez, ele não parou quieto e não deixou a classe ficar também, pois dançava atrás da professora, a imitava e a classe toda ria. Muitas vezes a professora não percebia, mas quando percebia, berrava com ele exigindo que ficasse sentado. (Relato a partir das observações na sala de aula, dia: 09/05/97)

Como já foi dito, a mudança do espaço físico na escola possivelmente está relacionada às formas de disciplina dentro desta. Da mesma forma, o relato da professora de sala de aula, pode estar demonstrando o quanto ela utiliza o corpo da criança como um instrumento para manipular, para conseguir uma

disciplina desejada dentro da sala de aula, uma vez que impõe regras à ação do corpo do aluno.

I. 2. C- Com os alunos.

'Nas primeiras, das oito observações que fiz, vi uma sala silenciosa, quieta, mesmo tendo voltado da Educação Física. Crianças paradas nas carteiras, copiando a história que a professora copiava na lousa e ditava ao mesmo tempo.

No decorrer das observações, percebi que as crianças não são tão paradas, também se locomovem pela sala. Mesmo assim, são crianças mais quietas e estáticas em suas carteiras, do que agitadas. As que se levantam da carteira, para ir à lousa fazer um exercício, ou para apontar o lápis, ou para levar o caderno para a professora, ou para conversar com o amigo do outro lado da sala, são sempre os mesmos e são poucos...

Muitas vezes quando eles se levantam para mostrar o caderno para a professora não são bem recebidos, pois ela não olha o caderno e aos berros manda a criança sentar no lugar. São crianças que, muitas vezes, quando a professora sai da sala, ou para falar com alguém, ou para ir na sala dos professores, continuam no mesmo lugar, fazendo o que estavam fazendo. (Relato a partir da observação na sala de aula, dia: 23/05/97).

Percebi , neste primeiro momento, que as crianças, possivelmente são mais passivas e não muito dinâmicas dentro da sala, talvez por já estarem condicionadas pela forma de trabalho e expectativas de comportamento e de aprendizagem que a professora deposita nos alunos

No segundo semestre, a partir destes episódios que as observações me proporcionaram, o trabalho consistiria em propôr vivências corporais para que os alunos pudessem perceber como seus corpos eram considerados pelos professores e também, como poderiam utilizar este corpo para se sentirem melhor, dar a oportunidade para estas crianças conhecerem melhor o próprio corpo. Por fim, fazer uma discussão crítica das observações e destas vivências propostas.

No entanto, percebi que justamente pela realidade que eu estava vivenciando na escola, era mais importante trabalhar a postura dos professores, o modo de usarem o próprio corpo e o das crianças no espaço escolar, do que as vivências com alunos.

Para esclarecer melhor este meu maior interesse, acrescento alguns episódios sobre a postura da professora, observadas durante o período de pesquisa, tanto da sala de aula como do professor de Educação Física:

Observando o aspecto físico da professora, notei que é uma pessoa com uma estrutura física pequena. É baixa e magra. Sua voz também não é forte, às vezes, até um pouco rouca. Porém, é uma professora que costuma gritar quando está insatisfeita com o comportamento dos alunos. É uma professora que exige que os alunos fiquem parados na carteira virados pra frente e, de preferência, os que se sentam no canto, sem encostar na parede. Portanto, são crianças que na maioria do tempo de aula se limitam ao espaço da carteira, com corpos curvados em cima de seus cadernos.

O tom da voz da professora também soou característico pra mim. Quando está dando a lição, fala como se estivesse cantando, me senti ouvindo uma pessoa que conhece "técnicas de rapidez na memorização"... é como se hipnotizasse as crianças. (Relato a partir da minha observação em sala de aula, dia:20/06/97 tirado do caderno de campo).

Comecei a perceber que por trás daquela maneira de dar aula, havia idéias, falas e conceitos, sobre o corpo, o espaço e a educação, que muitas vezes passavam despercebidos pelos professores e isto refletia nas suas atuações.

O professor de Educação Física¹ que observei no primeiro semestre, por exemplo disse-me que:

¹ Este professor trabalhava juntamente com a professora de Educação Física que pude observar até o final do ano.

... aqui é melhor deixar eles relaxarem, se soltarem.. Eu sei que o trabalho de Educação Física é trabalhar a lateralidade, o desenvolvimento físico mesmo das crianças, mas aqui não dá para desenvolver uma coisa assim, aqui nesta escola é melhor dar amorosidade, carinho, roupa quando percebo que o aluno vem com a mesma roupa a semana inteira, do que dar Educação Física. Não é como na outra escola que eu trabalhava que dava para planejar uma aula melhor. Então eu deixo eles jogando bola para soltarem a agressividade e relaxarem um pouco... (Relato dia: 16/05/97 tirado do caderno de campo).

Mais uma vez pude perceber que por trás da fala dos professores, existiam idéias interessantes sobre o corpo dos seus alunos no espaço escolar, que poderiam gerar discussão e enriquecer meu foco de trabalho.

Com isso, a partir do segundo semestre, transferei o enfoque da fala dos alunos para a fala dos professores, ou seja, comecei a achar interessante e mais importante as idéias e atitudes que tanto a professora da sala de aula como a de Educação Física tinham.

Portanto, a voz das professoras foi o que direcionou este trabalho e assim realizei uma entrevista centrada em suas idéias sobre educação. As respostas dadas possibilitaram uma análise sobre as idéias de corpo, espaço e educação que possuem e, conseqüentemente, como isso reflete nas suas atuações como professoras. Realizei as observações, as entrevistas e a bibliografia estudada enfocando a relação corpo e espaço na sociedade atual, espaço físico e relações pessoais/pedagógicas no ambiente escolar e o espaço da criança na escola (dentro e fora da sala de aula).

Os objetivos priorizados foram basicamente dois: A investigação das vivências espaciais da criança na sala de aula e na Educação Física (direcionando o olhar para a arquitetura e planejamento da aula), e a verificação das idéias das duas professoras sobre a atuação do corpo das crianças no espaço escolar.

Portanto, meu trabalho visa poder parar e “pensar sobre o corpo”, em especial nos espaços de escolas públicas. Do mesmo modo, pretendo refletir sobre o que é o nosso corpo no dia-a-dia e a sua importância nas nossas atitudes. São questões que fazem parte do meu trabalho como psicóloga e também como futura pedagoga uma vez que, através do “pensar o corpo” podemos ter um conhecimento maior de nós mesmos e do outro; não só do corpo físico, mas também conseguir maior facilidade de nos comunicarmos e de entendermos nossas sensações, nossas vontades.

Nossos corpos são ensinados a se ajustar a modelos externos desconsiderando os impulsos próprios do corpo. É um corpo que não tem vontade própria, modelado e conduzido por uma ideologia social interligada (Johnson, 1990). Por isso, “pensar o corpo” é termos a oportunidade de estarmos conscientes de que todo o nosso corpo físico assim como nosso corpo emocional estão vinculados às características e expectativas da sociedade como um todo. Somos, portanto, um corpo socialmente constituído e esta questão, para mim, deve ser inserida nas diretrizes educacionais do cotidiano escolar.

I. 3 Os corpos na sociedade tecnológica

Difícilmente vemos escolas como, de fato, um espaço onde os alunos têm a oportunidade de se expressarem livremente, pois vemos crianças que na maioria das vezes, nos primeiros anos na escola, de alguma forma são repreendidas quando tentam expor as suas próprias idéias. Muitas vezes suas perguntas não são escutadas, ou são deixadas para um outro momento, e este outro momento pode não mais ter significado para a criança.

Muitas das crianças não chegam a ter as respostas das suas dúvidas e curiosidades, pois são direcionadas a agirem de maneira única de acordo com as regras da escola. Segundo Don Johnson (1990): “as escolas treinam as pessoas para assumirem padrões corporais que a maioria dos empregos exigem” (p. 49). Assim, na maioria das escolas, hoje, o que existe é uma preocupação com o condicionamento dos corpos, para que no futuro se expressem de uma maneira desejada dentro do que a sociedade espera.

O que a sociedade espera quase nunca é o que a criança deseja. Neste sentido, reafirmo a necessidade de pensarmos sobre o corpo das crianças no espaço escolar, especialmente diante das perspectivas da nossa sociedade em estabelecer um corpo submisso às tecnologias de ponta, um corpo recipiente de técnicas modernas que saiba atuar nos computadores ou manipular máquinas sofisticadas.

Outro motivo, que na nossa sociedade faz com que os corpos se distanciem dos pensamentos e ações próprias, é a valorização de um corpo saudável como um “depósito” de músculos fortes e bonitos, um corpo esculpido, modelado através de referências externas e consagrados como “*corpos ideais*” (Johnson, 1990). Corpos ideais que geralmente significam corpos alienados, manipulados, frutos da mídia, corpos que hoje não deixam de ter uma atenção voltada a eles, porém uma atenção esteticamente aceita não o considerando inteligente, autêntico e criativo!

Assim sendo, a escola inserida nesta atual sociedade, além de consagrar o corpo perfeito, está mergulhada nas tecnologias, com isso, inevitavelmente enfatiza em suas propostas de trabalho atividades que exigem do aluno um esforço mental, em detrimento de uma atuação que enfoque a sabedoria que o corpo possui. Sabedoria que, a meu ver, deve e pode contribuir para estas mesmas propostas educacionais.

Consequentemente, uma outra questão passa a ser importante: Que nova sociedade é essa que nos exige um esforço mental cada vez maior e que deixa o trabalho com o corpo de lado? Assunto interessante para algumas considerações, sem ampliar muito, uma vez que não é o enfoque deste trabalho.

Ciro Marcondes Filho (1994), coloca que estamos vivendo em um momento de ruína das visões do mundo moderno e que isso, certamente, repercute nos problemas psicológicos de cada um. Porém, o autor deixa bem claro que isto não caracteriza uma crise e sim um momento de transição para um outro tipo de sociedade.

A sociedade em que vivemos tem como característica os meios de comunicação e a alta tecnologia e, segundo este mesmo autor, “estamos numa fase de um mundo em que a máquina e os objetos assumem uma importância, uma posição decisiva de forma até então desconhecida” (p. 17). A máquina passa a ter uma importância cotidiana, assim como de ambições futuras na vida de cada um. O cérebro é o que mais trabalha, é o que interage com esta máquina e com isso, o físico se dilacera... Porque contatos físicos se com a máquina e meu cérebro eu posso sentir tudo o que sentiria em um contato físico? É o que questiono, juntamente com Marcondes Filho (1994).

O autor ainda coloca que a sociedade tecnocêntrica exige uma vida com muita velocidade e rapidez. As pessoas não criam raízes como antes criavam, e as vivências possuem duração rápida. É o momento do corpo em movimento e jamais ocioso! Ou seja, segundo as palavras do próprio Marcondes Filho (1994):

Velocidade é o compasso de vida da era tecnocêntrica. É um pulsar incessante fazendo com que se tenha sempre que se mover de um lugar para outro e agir em ritmo contínuo, acelerado, angustiado, porque já há outro compromisso em seguida, que preparará para mais um, novo. A vida torna-se uma sucessão dinâmica como que colecionam diversas atividades e

realizam-nas em tempo recorde, num tipo de compulsão de fazer sempre mais, pelo prazer do fazer. É o princípio do movimento pelo movimento. (p. 55)

Portanto, é um corpo que não fica parado, que tem um movimento, porém é um movimento que não o faz sentir de fato o que está fazendo, é um movimento artificial que não se prende à qualidade. A idéia é fazer várias coisas num curto espaço de tempo. O movimento do corpo é voltado para acompanhar o ritmo das redes de comunicações ou a rapidez com que as notícias atravessam o mundo. Enfim, o corpo precisa acompanhar a velocidade das máquinas, e para isso, o que é mais importante é o trabalho da mente e não um trabalho com o corpo físico.

Diante desta distância entre o corpo e a mente, que a cada dia mais estamos sujeitos, é que enfoco o meu trabalho. Esclareço o porquê do “pensar o corpo”, com o intuito de considerá-lo de uma maneira diferente de olhá-lo, de senti-lo, de movimentá-lo de outra forma, enfim, de conhecer um corpo que nos dias de hoje pode estar escondido em função da necessidade da aceleração dos processos mentais.

Nas escolas públicas, em especial os processos a que assistimos deixam a desejar quanto às maneiras que o corpo pode ser trabalhado no espaço escolar, ou melhor, deixam a desejar quanto à questão da corporeidade inserida no espaço escolar, distanciando de uma visão integrada de ser humano.

Minha idéia de “pensar o corpo” no espaço escolar, vê-se também diante da possibilidade de inseri-lo na escola, pensando um corpo tão importante quanto a de mente é no mundo tecnológico. Integrar este corpo no cotidiano das pessoas como um “espaço” de prazer e criação constantes em suas vidas. Pensar a maneira que este corpo é considerado e/ou, ao contrário, desconsiderado. Este pode ser um caminho para o descompromisso das pessoas, no caso, profissionais da área educacional, em perceber este corpo

físico como uma maneira de criar, de se expressarem, maneiras de viver possibilidades diferentes das atuais

Em síntese, acredito em um trabalho que aproxime as pessoas do seu próprio corpo, pessoas que, fazem parte desta nova sociedade que contempla os valores externos, a velocidade das máquinas e as realidades virtuais... e assim possam se tornar interligadas corporalmente com esta sociedade e conscientes da sua própria força, e mais, tendo a oportunidade de sentirem “o como” seu corpo reage, o que ele é capaz de fazer para viver integrado e livre em seus próprios desejos, assim como aos desejos dos outros.

II - Educação e Corpo.

II. 1 Dados sobre as entrevistas.

As entrevistas foram feitas através de perguntas gerais sobre as idéias que as professoras tinham sobre educação, professor e aluno. A partir das respostas, foi possível fazer uma análise sobre a relação que elas fazem sobre o corpo das crianças no espaço escolar.

As questões foram as seguintes:

- * O que você considera um bom aluno ?
- * Como trabalha com o aluno, quanto à competência, relação professor/aluno, comportamento...?
- * O que considera um bom professor?
- * Como considera a própria atuação como professora?
- * Qual é o espaço ideal para trabalhar?
- * Como considera o espaço desta escola que trabalha?

A primeira entrevista foi com a professora Lúcia², responsável pela sala de aula. Marcar a data da entrevista com ela não foi muito fácil devido aos nossos horários e as suas prioridades, tanto escolares como particulares. Depois de algumas tentativas, a entrevista aconteceu na própria escola em uma das salas de aula.

Durou aproximadamente uma hora e quinze minutos e terminou quando tivemos que sair da sala, uma vez que as aulas iriam começar. Foi muito agradável, pois Lúcia mostrou uma grande preocupação em me responder as perguntas da maneira “mais correta possível”, como disse ela mesma, para que realmente pudesse me ajudar no trabalho. Propôs-se inclusive, a participar de

uma outra entrevista se fossem necessários maiores esclarecimentos ou informações.

Primeiramente, conversamos sobre o que ela considera um “bom aluno” e suas respostas giraram em torno de um aluno participativo, que presta atenção, não conversa, tem interesse pela aula, aquele aluno que realmente faz o que ela está solicitando, pois, segundo ela, “está concentrado na aula”.

Lúcia colocou a dificuldade que sente em trabalhar com um aluno em especial porém sempre buscando formas de ajudá-lo, (uma delas é dar atividade para ele em uma outra sala).

Sobre o “bom professor”, falou que é aquele que é *“responsável, comprometido e dedicado, que quer ensinar, que prepara a aula, que pesquisa, analisa o aluno...”*. Considerou a importância do saber “o como” ensinar aquele aluno que tem dificuldade em aprender e que, para isso, é importante detectar onde está o erro do próprio professor.

Conversando sobre sua própria atuação, Lúcia questionou a sua eficiência. Falou sobre sua dificuldade em ensinar de uma maneira mais objetiva para que as crianças entendam, referindo-se a sua dificuldade em trabalhar com o construtivismo. Disse que é muito complicado ensinar o que não sabe, pois hoje a prática de dar aula e ensinar é bem diferente do que quando ela aprendeu.

Lúcia falou sobre a falta que faz, para as crianças, atividades que não sejam escritas como montar quebra-cabeça, confecção de pipa, dobradura e completou: *“talvez esteja faltando este lado de atividade física...”* Disse ainda que se tivesse esta parte de: *“mecher mais, ter contato com alguma coisa*

² Lúcia é o nome que “batizei” a professora da sala de aula para efeitos deste trabalho

concreta...”, a crianças melhorariam na concentração, na atenção e até mesmo na compreensão.

Sobre o espaço escolar, Lúcia direcionou a fala para o espaço da escola dizendo que é muito pequeno, tendo dificuldade para trabalhar e para a criança ter concentração. Há muito barulho nas salas que são muito próximas umas das outras, atrapalhando as aulas. Colocou o problema da quadra de jogos, que é pequena também e, com isso, trabalham vários professores de Educação Física no mesmo período. Isso faz com que, em sua opinião, o barulho aumente, assim como a concentração diminua nas atividades dentro da sala de aula.

A professora considera um bom espaço aquele em que a criança possa recrear, ou melhor: *“um espaço gramado para a criança poder brincar e com mais quadras....”*. Colocou que a escola deveria ser mais equipada, com quadras cimentadas para as crianças riscarem o chão como “amarelinha” e ter brinquedos como balanço, gangorra, gira-gira.

Lúcia falou que deveria ter mais monitores para olharem as crianças no horário do recreio para que, segundo ela, elas não ficassem fazendo bagunça e que também pudessem orientar-las: *“...ensinar brincar de amarelinha, cordas, tem tanta coisa, né? Para orientar a criança solta que está só brincando, só correndo... tem que ser orientada por monitora ...”*

Por fim, Lúcia colocou que o diretor faz sugestões para uma melhora na escola, tanto quanto ao andamento das aulas dentro da sala, como mudanças físicas como, por exemplo, mudar o local da biblioteca para mais próxima das salas de aula.

Primeiramente, conversamos um pouco para que eu explicasse melhor o porque da entrevista e também para que a professora se acalmasse, pois estava um pouco agitada e envolvida com a aula que tinha acabado de dar.

Coloquei que era muito importante para o meu trabalho as idéias que ela tem sobre educação, assim como o próprio trabalho que ela desenvolve na Educação Física. Com o tempo, Ana foi se descontraindo e se colocou bem à vontade para responder as questões e assim as respostas fluíram com mais naturalidade.

Ana começou falando que acha fundamental, na sua atuação como educadora, o trabalho com as crianças sobre limites e sobre sociabilização. Colocou que um dos motivos que acaba por colaborar com a sociabilização é, segundo ela, a “bagunça” que acontece na hora da Educação Física, pois são dois ou três professores ao mesmo tempo no pátio e as crianças são obrigadas a dividir os materiais, brincar juntas e isso faz com que se integrem.

Ela considera o “bom aluno” aquele que quer participar de todos os jogos:

...Aquele que participa. Você ensina uma novidade, alguma coisa diferente, ele quer aprender, quer participar, participa de tudo, não tem esse negócio de menino/menina, ele entra em todos os jogos e quer brincar junto. Eu acho que esse é um bom aluno...

Diz perceber que o seu trabalho está tendo resultado quando vê que os alunos começam a se entender, a ajudar os colegas que não conseguem fazer alguma coisa. Nota também a eficácia do seu trabalho quando aquele aluno que não brincava de repente está como o grupo participando da atividade.

Ana consegue identificar algumas “crianças talentosas”, quando estas se mostram criativas ou com facilidade e inteligência para fazer os jogos. Por isso, coloca que é essencial conhecer cada criança; saber se não está participando da

aula porque é tímida, se está doente ou outra coisa. A partir daí, ajudar a criança a participar da aula. Com isso, diz que o “bom professor”:

... é aquele que passa para o aluno o que ele está planejando, o professor que consegue transmitir, eu acho que o relacionamento professo/aluno é essencial. Às vezes você consegue não dando bolas (material) para eles mas apenas na conversa. Você tem que conhecer o aluno, um por um....

Disse que nem sempre a prioridade do aluno são os exercícios de Educação Física, e que às vezes é preciso falar para as crianças sobre alimentação, regras, sobre respeito e educação.

Sobre sua própria atuação, Ana disse que está um pouco frustrada e um dos motivos é a falta de espaço e tempo, uma vez que são vários professores no mesmo horário e no mesmo espaço para dar aula. Outro motivo, é que as crianças estão muito influenciadas pela televisão e fica difícil realizar atividades que ela acha importantes como contar histórias, fazer teatro. Falou também sobre a dificuldade de concentração das crianças e que para isso está pedindo para a direção da escola mais jogos para usarem dentro da classe. Com isso, afirma que a Educação Física não é só fora da sala de aula.

Quanto ao espaço ideal para trabalhar, Ana colocou o seguinte:

Eu acho que deveria ter um espaço fora, coberto, para não ter tanto sol . Quanto ao material, deveria ter bolas de todos os tamanhos, um gravador e um local para as crianças poderem aprender a movimentar o corpo, conhecer o corpo...

Assim, Ana compartilhou algumas experiências que teve em outras escolas, onde trabalhava muito com dança e teatro para enfocar a expressão corporal, utilizando muita música e movimentos corporais. Coloca também que nesta escola não dá para realizar um trabalho de expressão corporal pelos seguintes motivos: não tem material e espaço suficientes e isso desestimula, as

crianças não têm vontade de usar a criatividade. Além disso, elas estão muito presas às fantasias da televisão e não sentem vontade de fazer esse tipo de trabalho.

Continuou dizendo que o espaço escolar ideal deveria ter mais salas de aulas, uma cozinha longe das quadras, ou seja, um espaço separado do outro para que o barulho de uma atividade não atrapalhesse a outra.

No final da entrevista, Ana colocou que seria muito bom ensinar o baseball para essas crianças, pois é um jogo que tem um espírito de grupo. Geralmente algum jogador tem que se sacrificar em nome do time, o que importa não é o individual e sim o grupo como um todo, e disse: *"... se pudesse dar isso aqui, eles aprenderiam a ser honestos leais com os companheiros e com o inimigo também, com o adversário..."*

Por fim colocou o quanto é importante para a turma desta escola, além de ensinar a união entre eles, aprender a vencer e nunca ser vencido e terminou dizendo o que costuma falar para os alunos: *"você entra para alguma coisa, você tem que ganhar. Você não pode ficar falando que o juiz roubou. Você tem que mostrar a sua capacidade indo até o fim, correr até o fim"*.

II. 2 Os corpos dos alunos : relação corpo/espço/concentração

Diante dos dados das entrevistas, volto-me agora para o corpo dos alunos... Como este corpo é trabalhado e considerado pelas professoras? Quais são as idéias que estas professoras, por trás de seus conceitos de aluno, professor e educação, têm sobre a importância dos corpos de seus alunos no espaço escolar?

Tudo me leva a crer que , pela própria característica da função de cada professora - uma professora alfabetizadora, outra de Educação Física - existem diferenças na maneira de encararem o trabalho com o corpo no cotidiano das aulas. No entanto, o interessante é notar como elas se voltam para os mesmos conceitos em relação a educação, a corpo e ao aluno, pois muitas vezes possuem os mesmos objetivos de trabalho com as crianças. Percebi que em suas falas evidenciam clara e enfaticamente a importância da concentração dos alunos para aprenderem, principalmente quando falam sobre o interesse dos alunos na aula ou quando esclarecem suas idéias sobre o aluno que é participativo.

Mas, qual a relação entre a importância da concentração, levantadas pelas professoras, das crianças e seus corpos no espaço escolar? É o que vou começar a discutir ...

Diante das idéias sobre educação abordadas na entrevista com a professora da sala de aula, minha leitura é que o “bom aluno” para ela é aquele que: *presta atenção e se concentra na aula*. Em suas próprias palavras, o bom aluno:

...É aquele que está sempre prestando a atenção em você, não fica conversando e toda hora tenho que chamar a atenção de uma criança que está conversando com o colega, está desenhando, está copiando, sabe? Então, bom aluno pra mim está sempre interessado em saber

mais, que sempre pergunta e presta a atenção no que eu digo. Eu falo pra eles que estudar não é copiar da lousa, tem que prestar atenção no que a professora fala, depois peço alguma coisa e eles não sabem fazer, porque não prestaram atenção. Bom aluno pra mim, é aquele que participa da aula, presta atenção na aula.

Minha interpretação é que Lúcia é uma professora que acredita que, se o aluno está atento a ela, atento à explicação que ela está dando, este aluno irá fixar o aprendizado e irá se dar bem, não apresentando problemas na aprendizagem. Ela mesma esclarece:

....Tem criança que fala assim: "ah! tia esse eu não quero fazer e tem criança que não é ativo, tudo que a gente propõe eles fazem com gosto e esses estão sempre bem. Os que participam é lição de casa, é lição na sala de aula, sabe? Aquela criança que realmente faz o que a gente pede, está bem, além do que a gente dá, sabe? Aprende além, e essas crianças que não participam, acho que são meio limitadas... .eu peço mais atenção, atenção na aula, porque às vezes não é a atividade em si, às vezes a atenção é muito mais importante, né? Então chamo a atenção, fico brava e brigo do mesmo jeito que brigo com aqueles que não fazem nada...

Outra fala interessante da professora Lúcia, a este respeito é sua caracterização de um aluno que é "diferente " dos outros:

...é totalmente alheio a aula. Se você está lendo ele não está nem aí, se você está contando história, ele não está nem aí, a gente pede atenção e também ele não está nem aí... ele é bem diferente dos outros, então eu comecei a trabalhar diferente . No caderno ele faz, quando passo a atividade, ele é totalmente alfabetizado com um pouco de dificuldade, mas ele não copia, não participa da atividade, reprodução de texto ele não faz, porque não presta atenção na aula...

Continuando ,falando sobre este mesmo menino, Lúcia disse:

...Ele não está nem aí, eu não sei porque ele é tão assim, alheio a tudo, não fica na carteira e depois se dou atividade ele está sempre atrás de mim. Dificilmente ele se concentra para fazer a atividade que eu peço, ele é disperso, por isso eu passo para ele uma página de atividade para ele fazer e ele leva a aula inteira para realizar... às vezes o levo para a sala dos professores para fazer a atividade e lá, sozinho, ele se concentra mais...

Lúcia também comentou o quanto a mudança de tempo influencia no comportamento dos alunos, assim como eles se comportam de modo diferente antes e depois do intervalo.

...Não sei o que é, depois do recreio a concentração é mínima, começa com bagunça... e também quando o tempo está nublado as crianças ficam mais ativas, mais alvoroçadas. Normalmente, trabalho a parte da manhã mais concentrado e na parte da tarde (depois do recreio), trabalho mais no caderno, na folha sulfite, às vezes uso atividades mimeografadas, cruzadinha, pois contar história, escrever, pensar muito, não dá para trabalhar depois do recreio.

Enfim, estas são falas importantes da professora de sala de aula em relação ao seu trabalho, às suas expectativas e que contribuem para entendermos um pouco mais sobre suas relações corpo/concentração/espço escolar.

A fala da professora de Educação Física, além de considerar o desenvolvimento da sociabilização e o trabalho em grupo com as crianças como objetivo nas suas atividades, também evidencia a importância de trabalhar em Educação Física a concentração. Para isso, o ideal seria um espaço com mais jogos como dama e xadrez, um espaço fechado, coberto, como a própria sala de aula, como declarou a própria professora durante a entrevista:

....pedi para comprarem jogo de dama e xadrez, nós vamos ensinar a se concentrar, aprender a se concentrar, porque é assim, você leva brinquedo na classe eles querem tudo ao mesmo tempo, eles pegam e escondem em baixo da carteira, eu falo: "o que é isso gente?" Ponho todo mundo sentado e cada turma num lugar com um brinquedo, enjoou desse brinquedo troca como outro.

Ana fala sobre a importância de um espaço fechado para trabalhar o corpo:

Sair da sala e ir para a Educação Física para eles está sendo um extravasamento, extravasar, brincar, o ideal seria se tivesse um cantinho, um lugar que pudesse, por exemplo, uma vez por semana pegar uma classe e ensinar lateralidade, formar fila, ficar em ordem...

Ainda nas palavras da professora Ana:

..Não tem planejamento conjunto com as outras professoras de Educação Física..... depende do dia, é o que dá pra fazer. No dia que chove, costumamos ficar na classe. Outro dia fiz o jogo do bingo, ensinei o bingo e eles adoraram. Aí, meche com a cabeça, pois eles têm que olhar o número que eu estou escrevendo bem grande na lousa. Fiz duas vezes numa classe e perguntei para a professora se melhoraram e ela disse que melhoraram e teve avanço. Concentrou mais , né?

Portanto, interpreto novamente que para Ana o enfoque na *concentração*, na *não dispersão*, na *passividade de movimentos* dos alunos é dado como meta importante para o processo educacional da criança. Assim como ressaltado pela professora de sala de aula.

No entanto, o que interessa é saber como a concentração na fala e na atuação dessas professoras está relacionada com o corpo das crianças no espaço escolar. O que é um corpo concentrado? Como é uma criança concentrada? Como é um corpo que presta atenção na sala de aula e na Educação Física, dentro das propostas destas professoras?

Corpo relacionado a *concentração* é o que, até o fim do trabalho, estarei discutindo, uma vez que considero o mais importante e significativo, que as duas professoras focalizaram nas entrevistas, como atuação e maneira de pensar o trabalho com as crianças.

III - Idéias, relações e interligações sobre o corpo na escola.

III. 1 Interrelações sobre o “Pensar o Corpo”.

Nos dias de hoje, próximos ao século XXI, vivemos em uma sociedade que se caracteriza por uma alta tecnologia, estamos no mundo da expansão tecnológica. “Estamos numa fase em que a máquina e os objetos assumem uma importância, uma posição decisiva de forma até então desconhecida” (Marcondes Filho, 1994, p. 17). É um momento em que se está formando outro tipo de ser humano, que inevitavelmente, sua mente, assim como seu corpo, têm que se adaptar a esse “mundo novo e virtual”. Um mundo que contribui, para que cada vez mais, menos se tenha contato com o outro. Isso acontece, na medida em que as tecnologias avançam. Cada vez mais o homem e a máquina se complementam, cada vez mais o corpo deste homem está voltado para o que essa tecnologia oferece e exige!

... o viver significava deixar o corpo em constante atividade física, em movimento. Nos últimos anos deste século essa relação direta e ativa com o corpo começou a se transformar em outro tipo de relação. O que fazia antes com o corpo, hoje está sendo feito pelas máquinas... (Iwanowicz, B., in Bruhns, 1994. p. 63).

Assim, o que mais valoriza a nossa vida hoje é o aspecto intelectual e cognitivo, afastando a necessidade de usar o nosso corpo de uma maneira direta. Não usamos mais o corpo, estamos parando de usá-lo. A utilização do corpo se limita a fazer as necessidades básicas e algumas relações sociais, como dançar um pouco, trabalhar, um pouco para sentir o prazer... (Iwanowicz, in Bruhns, 1994).

A preocupação com o corpo se reduz à sua “modelagem”. É preciso alcançar um certo padrão, e para isso ele é exercitado, é trabalhado e construído para atingir. Padrão de corpo que se caracteriza por um corpo magro que leva pessoas à uma obsessão em adquiri-lo.. Para Foucault , segundo Silva (1994), isto é uma nova estratégia do poder sobre o corpo. (p.103) :

uma exploração econômica e (talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito bronzeado. (Foucault, 1990. p.147)

Todas estas características da era tecnológica atinge a vida de todas as pessoas e, conseqüentemente, contribuem para que apareça algumas questões no que diz respeito as crianças e jovens de hoje. Segundo Babin e Kouloumdjian (1989), algumas das principais acusações aos jovens da “era tecnológica”, são expressões de vários modos : “o nível de inteligência baixou, são incapazes de se concentrarem, são passivos, há uma perda do raciocínio e do espírito crítico, eles vivem em outra” (p. 24).

Suas justificativas em relação a esta queda de atenção e da capacidade de concentração dos jovens da nova era, são três. A primeira é porque dormem pouco, por ficarem muito tempo na televisão, a segunda é que se tornaram fragmentados como os programas de rádio e televisão que são curtos, imaginativos e cheios de movimento e por último, é que:

... a quantidade de informações que atinge os jovens os submerge e, em seguida, os impede de concentrar-se num ponto especial... Hoje, todos ficam submersos pelas informações. Isso leva a uma dispersão da reflexão (p. 25) .

Os autores não negam, de forma alguma, estas justificativas diante as acusações feitas aos jovens porém , colocam que há, nos dias de hoje, novas realidades e modos de tratar essas novas realidades em que as pessoas estão

convivendo. Ou seja, as pessoas de hoje não se concentram em coisas que as pessoas se concentravam antes, mas se concentram em outras coisa que hoje os adultos não conseguem. E terminam dizendo:

Falta de atenção , sim!, mas não para a televisão, e isso depende ainda dos programas. Falta de atenção, sim!, mas não para uma história em quadrinhos, nem para responder a uma aula auxiliado por um computador! (p. 26).

Possivelmente, este tipo de visão não atinge os professores da maioria das escolas de hoje. A professora Ana (de Educação Física), por exemplo, vê a influência da televisão nos seus alunos, como uma das causas que, provavelmente, contribuem para que eles não alcancem o objetivo que ela espera na Educação Física. Coloca que as crianças estão muito acostumadas a ficar paradas assistindo aos programas de televisão e isso faz com que eles não *entrem na história*, por isso defende o trabalho como teatro e contar histórias infantis para os alunos, como se fazia antigamente, quando as crianças não se prendiam tanto no que a televisão pode oferecer-lhes.

Tudo me leva a crer que esta professora acredita que a televisão interfere negativamente na atuação da criança no seu contexto escolar, pois se torna passiva ao assistí-la e com isso atrapalha a sua concentração e a sua sociabilização na escola.

Em contrapartida, Babin e Kouloumdjian (1989) têm uma outra visão sobre a influência da televisão nas crianças, ou melhor, dizem que a criança quando está assistindo televisão:

...a iniciativa e a imaginação permanecem, embora modificadas, e que as reações do público ao conteúdo das mídias nunca foram tão vivas. Atualmente, a maior parte das enquetes conclui, em definitivo, pela impossibilidade de se atribuir à televisão um efeito de passividade claramente definido. ... É essa espécie de passividade que precisamos assinalar. Ela não vem do fato de se assistir à televisão ou de se estar exposto a mil mídias, mas talvez do fato de o poder de

impacto dessas mídias e da sociedade que as mantém ser forte demais para a subjetividade das crianças... elas são obrigadas a ser a cópia fiel do que a propaganda, os pais, a escola e os psicólogos esperam delas. (p. 30).

Na verdade, não se tem como negar: Estamos na era tecnológica! A influência da televisão, dos computadores, das máquinas, de uma forma ou de outra, fazem parte das vidas dos alunos.

No entanto, é provável que as duas professoras, no contexto escolar, estejam um pouco distantes da realidade tecnológica e estejam presas nos modelos de corpos no espaço escolar, que se formaram com a Revolução Industrial, no qual, além de isolar as crianças, "...incorporou valores provenientes do regime capitalista que se instalava: pontualidade, obediência, trabalho mecânico e repetitivo..." (França, L. C. M., 1994, p. 64). Foi nesta época, por exemplo, em que se formaram as carteiras individuais, como forma de dificultar a comunicação com os colegas e a interação da classe.

No capitalismo industrial, a expectativa é de que os corpos sejam treinados, moldados e bem alimentados para o trabalho. É a época em que as pessoas passam a ser submetidas à autoridade, tanto dos chefes, como dos médicos, já que o corpo é visto como um aglomerado de células, cada uma delas tendo sua função. É como se cada célula fosse um recipiente químico, responsável pela vida industrial do corpo todo e só o médico, um especialista, o compreenderia. Assim sendo, o corpo e a mente são considerados separados, o corpo é como uma coleção de partes distintas e não uma coisa só. (Johnson, 1990).

Assim sendo, nesta mesma linha de pensamento em que o capitalismo industrial sustenta, prestar atenção na aula, estar concentrado na explicação da professora, significa, para Lúcia, ficar em silêncio, não conversar com o colega do lado e de forma alguma levantar da carteira. É uma exigência, portanto, de

corpos parados, de preferência com o olhar fixo para ela que está na frente de todos ensinando o que, se os alunos permanecerem desta forma, certamente, aprenderão.

Em contrapartida, está a fala Silva, K.M. (1994):

... a posição desejada pela escola para seus alunos, é a posição sentada e quase imobilizados, como se a concentração se expressasse na ausência de movimento. Mas o aluno sentado com o corpo voltado para frente, imóvel, olhos fixos na professora, nem sempre está concentrado, envolvido com o que ocorre na sala, como as professoras parecem imaginar. Por mais imóvel que aparentemente esteja, pode estar vivendo um enorme conflito físico... Seus corpos vivendo essa tensão, tendo que permanecer sentados, quando podem estar "pulando por dentro", contrariados. Por aparentemente estar parada, estando sentada, não significa que a pessoa esteja em harmonia com aquela ação e que não ocorra movimento, conflito. (p. 96).

No entanto, o nosso século é a época em que cada vez mais as pessoas permanecem sentadas, Lida (in Silva, 1994) diz que :

O assento seria uma das invenções que mais contribuiu para modificar o comportamento humano, sendo que na nossa época, muitas pessoas passam mais de 20 horas diárias sentadas e deitadas. Desse ponto de vista, é possível dizer que a espécie humana, *Homo- Sapiens*, deixaria de ser um animal ereto, *Homo Erectus*, para se transformar no animal sentado, *Homo Sedens*. (p. 105).

Isto talvez vá de encontro com a idéia dos nossos educadores que, na maioria das vezes, acreditam que a posição sentada é a melhor postura formando uma relação direta com o aprendizado, ou melhor, quanto mais adaptado os objetos - carteira e mesa - ao corpo sentado, maior é a eficiência do corpo na atividade desejada, maior é a concentração do aluno para entender o que se está explicando.

Provavelmente, Lúcia é uma professora que, apesar de estar aberta para mudanças, por exemplo, quanto à distribuição das carteiras, ainda está presa em

uma uma visão tradicional de educação, na qual é característica o quadriculamento distribuindo os indivíduos, cada um no seu lugar. Ela coloca na entrevista que concorda em trabalhar em grupinhos com as crianças mesmo sabendo que isso favorece à conversa porém, coloca que o espaço ficou melhor devido ao seguinte motivo: *“... mesmo para a gente se locomover ficou mais fácil e olhar as crianças também fica mais fácil. Se você pára em uma carteira você consegue olhar duas crianças de uma vez só”*

Neste sentido, França pode contribuir:

O local do professor, panóptico, de onde é possível ver cada ponto da sala, garante a disciplina, evita a ociosidade e mantém o “corpus submisso”, para usar a terminologia de Foucault (in Silva, 1994. p. 80).

Outro motivo que provavelmente contribui para esta relação entre a professora e os alunos, na qual o aluno precisa estar com seu corpo sentado, imóvel, e ela, na maioria das vezes, em uma posição de controle deste comportamento, pode ser a questão da repetição, tanto no conteúdo das aulas, como na estrutura física da escola como um todo. Ou melhor, a própria dinâmica das aulas, tanto na sala de aula, como a aula de Educação Física, quanto aos tipos de exercícios elaborados, o resultado esperado, assim como a arquitetura da escola, talvez perpetue a idéia de que os corpos comportados, quietos, sentados e obedientes, seja o ideal para que os professores ensinem e os alunos aprendam.

Sobre esta questão, França (in Silva 1994), coloca o seguinte:

A repetição está dentro do contexto escolar. Não só a repetição de um conteúdo, através de exercícios de memorização ou mecanização, mas também a repetição de uma forma, presente na configuração das salas de aula e de todo ambiente escolar, ajudando a garantir o controle e a disciplina.... A distribuição hierárquica de toda instalação, os deslocamentos pelo prédio, o constante sentar, esperar, levantar estão diariamente presentes. (p. 73).

Por isso é importante considerar o “outro lado da moeda”, ou seja, estar atento ao que esta mesma autora coloca:

...há momentos em que deslocar os alunos fisicamente pela sala, ou então o professor mudar a sua posição habitual, favorece um desbloqueio emocional, desfavorece a apatia dos alunos. (ibid, p.83).

Talvez este desbloqueio emocional e esta fuga à apatia estejam ligados ao que as duas professoras dizem quando as crianças vão para a Educação Física, ou seja, dizem que seus corpos se liberam, se extravasam, ou melhor, nas próprias palavras de Ana:

“...sair fora da sala de aula para eles está sendo um extravasamento, extravasar e brincar, o ideal seria que tivesse um cantinho, um lugar que pudesse, por exemplo, uma vez por semana pegar uma classe e ensinar lateralidade, formar fila, ficar, em ordem...”

Será que este *extravasamento* dos alunos na quadra da escola não é um primeiro momento para eles se libertarem do cotidiano da sala de aula, da mesma posição de horas e horas, do corpo sentado que se posiciona para prestar atenção na professora, mas que por dentro seu corpo está “formigando”, louco para se levantar? Se assim for, por que não utilizar este *extravasar* como um conteúdo a ser trabalhado tanto na sala de aula como na Educação Física?

Freire (1989) comenta que:

Dizer por exemplo, que a Educação Física é importante porque faz a criança usar a energia excedente, ou porque desenvolve a disciplina, o companheirismo, a responsabilidade, não chega a convencer ninguém de sua importância na escola. Isso tudo é muito vago e discutível..... a importância de demonstrar as relações entre os conteúdos da disciplina de Educação Física e os das demais disciplinas reside, não na sua importância como meio auxiliar daquelas, mas na identificação de pontos comuns do conhecimento e da dependência que corpo e mente, ação e compreensão, possuem entre si. (p. 182 e p. 183).

“Corpo e mente”, “ação e compreensão inteligidos”.... questões que certamente ainda se tem muito o que discutir, aprender e atuar neste sentido. Justamente por isso, não tenho a pretensão de esgotar este assunto, mas contemplar o como estas professoras que estão no seu dia a dia em contato com os corpos das crianças trabalham, consideram, identificam, desenvolvem, acolhem estes corpos.

Enfim, “Atenção, Concentração!”, muitas vezes não é apenas uma brincadeira de criança, mas são os objetivos das aulas que, na maioria das vezes, exigem uma disciplina corporal desvinculada da real necessidade que o corpo dos alunos poderiam vivenciar, dentro do contexto escolar.

IV. Considerações Finais

Acredito que seja inevitável deixar de perceber e sentir o quanto a realidade escolar está distante das questões sobre a importância do trabalho corporal, porém não tenho a mínima intenção de apontar culpados ou de formular críticas destrutivas, tanto para os professores como para a escola como um todo. Acredito que há uma falta de informação e de oportunidades para que as pessoas responsáveis possam mudar este contexto e conhecerem outras realidades e possibilidades de atuarem com o corpo na escola.

Aliar a não flexibilidade do corpo à concentração, à atenção no cotidiano de aula, possivelmente é uma consideração que ainda está fortemente enraizada na próprias crenças de ensino-aprendizagem de muitos professores. Por isso, sei o quanto temos ainda que percorrer e quanto temos que conhecer sobre a importância do corpo no espaço escolar, para então começarmos a atuar de uma maneira diferente da maioria que se atua nos dias de hoje. O importante é termos um espaço para isso, é estarmos abertos para que possamos inserir o corpo dos alunos no espaço escolar de uma maneira diferente, de uma maneira mais significativa dentro da sociedade em que vivemos. E mais, o importante é ouvirmos e observarmos o como este corpo, que está na escola, é trabalhado e o que é esperado dele, tanto no que diz respeito ao comportamento, quanto no que diz respeito às emoções, para assim verificarmos o que e como deve ser enfocado este trabalho.

Não é difícil constatar o quanto é complicado para as crianças de hoje ficarem quietas na carteira, repetindo exercícios, memorizando tabuadas. O próprio movimento da realidade, tanto fora como dentro da escola, provavelmente contribuirá para que as escolas deixem de lado a visão de que o corpo é somente um instrumento que se pode manipular para alcançar um tipo de conhecimento. Ou melhor, contribuirá para que as escolas se moldem de uma

forma mais “alternativa”, onde o corpo seja visto também como conhecimento que, junto com o conhecimento, muitas vezes chamado formal, ajudará na formação de cada um.

Certamente é muito difícil romper com as raízes do sistema escolar que ainda glorifica o trabalho mental, sistema que separa o corpo da mente porém, muitas escolas ou pequenos grupos que se juntam para alguma finalidade intelectual, já incorporam nas suas “aulas”, geralmente antes de começar, técnicas de relaxamento, exercícios de respiração, pois acreditam, como eu, que, livres das tensões emocionais e musculares e menos presos ao esforço mental o momento passa a ser muito mais valioso uma vez que, considera o conhecimento que o corpo possui de uma maneira integrada com o conhecimento da mente.

Existem várias formas de se atuar na educação de uma maneira mais “corporal”, de uma maneira que não faça, com que os alunos fiquem presos nos seus lugares, sem a possibilidade de se movimentarem para que assim, possam aprender. Hoje, a própria realidade escolar está clamando por outras maneiras de ensinar o que é preciso e o que nunca foi preciso e que hoje é! , inclusive na Educação Física, disciplina que está mais direcionada ao corpo.

Portanto, persisto na minha crença de que as pessoas estão cada vez mais percebendo o quanto é possível e necessário incorporar o corpo na escola uma vez que este possui um conhecimento, uma vez que este, é todo conhecimento. Para isso, a escola precisa incorporar um espaço novo, com formas alternativas de se olhar este espaço, para poder modificá-lo. Sala de aula, prédio escolar devem ser um espaço que valorize várias formas de linguagem: escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal... para que não aconteça situações de condicionamentos dos corpos que relacionem, por

exemplo, a disciplina com o silêncio ou a concentração com a imobilidade do corpo sentado.

Sem dúvida, é este o meu maior objetivo como profissional: inserir na realidade das escolas o corpo. O corpo sensível, o corpo tecnológico, o corpo cognitivo, o corpo ereto, o corpo suado, o corpo agitado, o corpo parado, o corpo que chora, o corpo que ri, o corpo com vergonha, o corpo criativo, o corpo que se movimenta, o corpo que sente, o corpo que é!

Enfim, pretendo atuar como uma pessoa que acredita que no espaço escolar é possível e preciso, principalmente pelas exigências da era tecnológica, interligar o que já é interligado, unir o que já nasceu unido. Trabalhar portanto, cada vez mais , com a certeza de que tanto o corpo quanto a mente possuem o mesmo grau de importância no planejamento e no espaço escolar.

V. BIBLIOGRAFIA

- Almeida, M.J. (1994. maio/agosto). O corpo, a aula, a disciplina, a ciência,... In Educação & Sociedade, 21. 146. São Paulo: Cortez.
- Babin, P. e Kouloumdjian, M (1989). Os novos modos de compreender. Paulinas.
- Bruhns, H. T. (Org.) (1994). Conversando Sobre o Corpo. Campinas- São- Paulo: Ed Papyrus.
- Del Priore, M. L. M. (1994, Setembro, Outubro, Novembro) A história do corpo e a nova História: uma autópsia. Revista da Usp (23). 49 - 55. São Paulo. Edusp.
- Foucault, M. (1987). Os Corpos Dóceis. In Vigiar e Punir. (pp.125-152). Petrópolis. Vozes.
- Freire, J. B. (1989). Educação de Corpo Inteiro : Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione.
- Harvey, D. (1991). Condições pós-moderna. São Paulo: Ed. Loyola.
- Johnson, D. (1990). Corpo. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

Marcondes Filho, C. (1994). Sociedade tecnológica. São Paulo: Ed. Scipione.

Miguel, A e Zamboni, E. (Org.). (1996). Representações do Espaço: Multidisciplinaridade na Educação. Campinas-São Paulo: Ed. Autores Associados.

Moreira, W. W. (Org.). (1995). Corpo Pressente. Campinas-São Paulo: Ed. Papirus.

Silva, K.M. (1994, Dezembro) O corpo sentado: Notas e críticas sobre o corpo e o sentar na escola. Trajeto, 1 (1). 95 - 109. São Paulo: Cortez.